

10.
200

DUAS PALAVRAS
DE UM BRASILEIRO

AO

PUNHADO DE VERDADES, & & &

DO REDACTOR DO SALAMALEK



IMPrensa DE J. G. DE SOUSA NEVES
65—Rua d'Atalaia—67
1870

11

2212

Amman

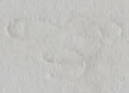
BUS PALAVAS

DE UM BRASILEIRO

10

UNHAO DE VENDAS, S. & B.

NO RIO DE JANEIRO



IMPRIMTA DE J. G. DE SOUZA
CALLE DO SAO JOAO - 11
1870

Com um longo titulo, que tem ares de cartaz de tourada, acaba o sr. Urbano Loureiro de publicar uma especie de diatribe contra o sr. Porto-alegre, e os Brasileiros, dedicada aos Portuguezes, que, *residindo ou tendo residido no Brasil, não renegaram sua patria.*

Felizmente, para esboroar aquelle longo amontoado de calumnias e grosserias, não irei ao campo das declamações, não me servirei das armas recriminativas, mas sim das proprias asserções do sr. Loureiro, pois que aquelle seu escripto, pela materia e pela fórma, não é mais do que um verdadeiro SUICIDIO MORAL.

O sr. Urbano, que nos enlevos de seu puritanismo patriotico, e de seu constante atticismo, nos chama de *Cains por indole*, estampou na sua Dedicatoria o seu espirito fraternal, e sua amisade a irmãos, cujo crime é amarem a terra de suas esposas e filhos, e trazerem de lá uma fortuna, que inveja muito malandrim.

Certamente, que um escripto tão consciencioso, tão logico, e tão polido e *urbano*, não devia ser offerecido a tantos renegados, e menos a portuguezes que se deixaram *surrar* por dinheiro!!!

Este insulto inqualificavel feito a tantos varões gratos e laboriosos, revela a hediondez do character do sr. Urbano, e o terror panico de que está possuido, vendo que o echo de

seus insultos ao Brasil, se reflecte em todo o reino de Portugal por sumptuosas manifestações a favor e em gloria do Brasil; revela grande medo da procella que se levantou no Porto contra o falso patriota, que se agarra á plebe invejosa, como a derradeira protecção de seus desvarios odientos, e odiados.

O falso patriota, o invejoso por excellencia, depois de ter abocanhado os homens que fazem a gloria da geração actual de Portugal, e de insultar seus irmãos em ambos os hemispheros, procura agora cantar a palinodia, querendo assim justificar um passado reprovado por todos os homens serios e espiritos conciliadores; e para isto se serve de um brasileiro, a quem provocou de caso pensado (como ineptamente o confessa em uma de suas cartas), para conseguir um indulto, que afasta a cada momento, por suas imprudentes malversações e perigosas injurias.

Não se moralisa, desmoralisando, e nem se capta attentões com successivas desattencões. A infeliz organisação moral do sr. Urbano, *sem urbanidade*, é como a physica de certos cantores, que sempre desafinam. No seu escripto estão todas as dissonancias do ente vulgar, e de um coração estragado, sem remedio.

Consta a celebre diatribe de 64 paginas; 4 da incompleta correspondencia que houve entre elle e o sr. Porto-alegre; 19, pouco mais ou menos, de vulgares declamações, apodos indecentes, insultos desbragados, contradicções palpaveis, calumnias gratuitas, e ridiculas pataratas; e o resto de fragmentos de defesas em processos de moeda falsa.

Na correspondencia falta a *primeira carta* que o sr. Urbano escreveu ao sr. Porto-alegre, a qual mereceu aquella violenta e justa *resposta*, que o sr. Urbano se esqueceu de imprimir, para mostrar sua boa fé, logo no principio de seu infeliz ataque. Vimos a *carta sonogada*, quando fomos dar os pesames ao respeitavel velho, pela perda de sua mãe; vimos essa carta tão insolentemente provocadora, e tão insultuosa ao exercito brasileiro! Valha-nos Deus com o

sr. Urbano e seus *centos de amigos!* Não parecem portu-
guezes.

Por esta leitura, e pelo que nos disse o sr. Porto-alegre, soubemos que este escrevera sómente ao sr. Oliveira, vendedor do Salamalek, pedindo-lhe 200 exemplares do n.º 11 do dito periodico, os quaes eram para elle e dois brasileiros notaveis, que partiam para o Brasil.

Qualifica o sr. Urbano este pedido, tão agradavel a quem vende seus escriptos, de *infamia* e de *covardia!* E que tal?! Pois é infamia espalhar seus escriptos, e covardia comprar mais de um exemplar d'elles? Infamia e covardia é escrever e publicar aquillo que se não quer que se leia fóra de certos limites ou do circulo d'esses *centos de amigos*, que vão com as idéas do escriptor! O que isto mais significa é que o sr. Urbano não é livre inteiramente, e que esses dois epithetos recaem sobre elle, que escreve sem consciencia, e tem medo do que escreve! *Infamia e covardia.*

Em cada pagina da selvagem diatribe se encontra o escrevinhador villão, e um hypocrita muito vulgar, pelos desalinhos e inconsequencias de seu rude e feroz coração.

O ar inflado e ridiculo do falso patriota, em suas torpes e estereis declamações, nos faz lembrar esses Hercules de feiras, trepados em pipas velhas, a fazerem contorções forçadas e attitudes ridiculas, com o fim de apanharem alguns patacos, e serem victoriados pelos lapuzes, cujos esgares aparvalhados elles tomam pela expressão de uma perfeita admiração.

Ora diga-me, sr. Urbano: Qual é o homem de senso e de criterio, que toma por provas irrefragaveis as defesas dos advogados em crimes provados, e tão provados que seus authores foram condemnados? Para se affirmar que todos esses processos de moeda falsa foram obra das artimanhas do vice-consul do Brasil, com o fim de enterrar mãos e cotovellos nos *motões de ouro*, que tinha á sua disposição, é de toda a urgencia que egualmente se prove que o Governo Civil, que os Juizes, as Relações, e o Supremo Tribunal de Justiça cederam ás suggestões do poderoso vice-consul, e

condemnamam iniquamente todos esses innocentes, que gemeram nos carceres, e foram degredados para fóra do reino. Se o sr. Urbano provar isto, o sr. Porto-alegre retracta-se do que lhe escreveu, porque é homem serio.

A verdade é dos factos; e Portugal não é uma nova Beotia para engolir esses descosidos retalhos, essas *pataratices*, e essa sua devotação de amouco aos moedeiros falsos, que não deixa horisontes claros a quem conhece o mundo, e avalia a planta pelo fructo.

Ha espiritos que parecem feitos de um raio do sol, outros da luz siderea, alguns do aroma das flores, e raros do cheiro que exhala aquella vara que sonda e avalia a *sellecta!* Estes ultimos pertencem áquella classe de réprobos, em cujos olhos tudo se afeia, em cuja boca tudo se conspurca, em cujas mãos tudo se infecta, e em cujo peito tudo se corrompe!

Na patria de Garret e de Soares Passos, ha uma especie de Esopo de botequins, improvisador de calumniosas fabulas contra o Brasil e seus respeitaveis filhos; improvisador de diffamações contra seus proprios irmãos; este Esopo tem até a impudencia de intentar sua propria apotheose, e querer subir sobre a nuvem infecta de seu bafo apodrentado!

O SALAMALEK de hoje não é mais do que uma reincarnação do ASMODEO de 1859, o qual depois de accommetter, com um dialecto de boleia, todos os brasileiros, passou a insultar todas as brasileiras, como a mulher perdida, que odeia toda a virtude! Aquelle demonio côxo reaparece agora transformado em um corcunda, para justificar a natureza, que marca com um signal repulsivo todos os maus espiritos, apontando-os assim á execração dos homens, para não desmentir as relações do physico com o moral.

A indole satanica e missão perturbadora dos dois demonios é a mesma, com a especialidade de que este substitue aquellas delicadas senhoras, amaveis esposas e modélos maternaes, por seus irmãos e filhos, por esses heroes incansaveis que acabam de mostrar ao mundo os exemplos mais

bellos de todas as virtudes do patriotismo! E o demonio giboso, mais perverso do que o côxo, não satisfeito com os apodos, injurias e calumnias que lança contra os brasileiros, afia os dentes na pedra de escandalo, para assim melhor morder nos portuguezes, que saudosos regressam á patria, para n'ella gosarem d'esse ocio honroso, tão preconisado em todos os tempos e paizes; e é este demonio inhospito e adverso a seus proprios irmãos, quem pragueja e calumnia nossa generosa hospitalidade, confessada tantas vezes, até pelo ingrato e corrupto Biard!

A fortuna e serviços d'estes repatriados, quanto não tem cooperado para a regeneração de Portugal, do que são provas os galardões publicos que tem merecido, já em condecorações honorificas, em titulos de nobresa, e até nas cadeiras de ambas as camaras! Quanto aos que lá estão no Brasil, *deixando-se surrar*, segundo o sr. Urbano, não ha quasi paquete que de lá não traga provas de seu generoso patriotismo, corporificado aqui em bellos edificios, instituições pias, monumentos heroicos, e pão a muitos desgraçados. Os jornaes e os factos constantes attestam o que assevero.

Se eu gostasse de recriminações, citaria agora as palavras de um intelligente e laborioso portuguez, estampadas em um folheto, a respeito da hospitalidade que aqui encontram muitos dos que regressam, cuja sorte elle compara á dos judeos no proprio paiz em que nasceram. Se o Brasil surrasse os portuguezes, de ha muito teria cessado essa corrente de emigração, que o governo de Portugal tem querido em vão diminuir.

O sr. Urbano Loureiro é tão insensato, que não pondera o que escreve, e nem as consequencias de suas intenções! Fingindo amar seus compatriotas, que residem ou residiram no Brasil, os ultraja e infama a cada momento, pintando-os como homens, que abdicam toda a dignidade humana, se sujeitam a toda a sorte de humiliações, e se desnaturam moral e civilmente pela avaresa e ambição de riquezas!

É o que faz quem escreve sem consciencia do que diz, ou quem é pago para injuriar sem regra.

Sem uma intenção hostil e calculada, sem um espirito inimigo da verdade, não é possível escrever-se o que escreveu o sr. Urbano sobre o fim do presidente Lopez, tendo pleno conhecimento do facto, pois que cita as ultimas palavras d'aquelle selvagem ambicioso, que só teve em toda a sua vida criminosa um apparente momento de grandesa, quando mentindo a Deus e aos homens, disse: Morro com a patria!

É preciso ter uma organização moral muito especial, e uma audacia de charlatão, para se escrever em Portugal o que o sr. Urbano escreve a respeito do Brasil! Improvisa, como se discorresse sobre alguma tribu do centro d'África, ou de algum paiz hyperboreo, onde lá não vae um só portugez, e cuja lingua ninguem cá entende. A proposito de lingua, diga-me sr. Urbano: o sr. falla bem portuguez? Vamos lá, patarata á parte, seja uma vez sincero, e diga-me a verdade? Se me disser que sim, provarei que não; e que a sua orthoepia ainda não foi approvada em Portugal. Sendo assim não venha chacotear dos brasileiros: ha vicios em todos os paizes.

No seu libello vi uma galanteria, que parece uma parodia. Quando v. s.^a citou as palavras de um defensor da moeda falsa que disse: «NÓS É QUE SOMOS ROUBADOS!» fez-me lembrar aquelle ladrão do Robert Macaire, que depois de atacar a berlinda do emigrado, ter arrombado as mallas, espalhado a roupa, e procurado em vão dinheiro, diz tragicamente: JE SUIS VOLÉ!

Causa riso e mais alguma coisa, a intolerancia d'este sr. Urbano, que dá ares de um perfeito Iroquez, quando quer impôr silencio ao sr. Porto-alegre, e prohibir-lhe de responder ás injurias e baldões que lança contra a nossa patria e nós, dando como lei o ser elle hospede!

Que bella hospitalidade e que excellente *urbanidade*!!

Por ser forasteiro, deve o honrado brasileiro soffrer ca-

lado, como uma alforreca social, todo o lixo mental da sua inhospita hospitalidade? Quem lhe ensinou isto?! Então, que diz? Se isto não se pratica na tribu dos Alarves, quanto mais em um paiz livre e civilisado, como Portugal!

Desejar que o hospede se cale e respeite o hospedador, que lhe atira, sem causa, á face toda a encyclopedia de doestos, de que só é rico o homem grosseiro e crapuloso, é estabelecer uma abrogação completa do direito natural; é dizer cynicamente: Estrangeiro, a offensa não tem valor na minha terra; se te derem uma *bofetada*, cala-te, agradece, e *pede logo perdão* da injuria futura que poderás commetter.

Isto é mesmo de um admirador de Lopez!

Nós, brasileiros, seguimos a maxima de Chateaubriand, que passou sempre por ortodoxo: «Se te derem na face esquerda uma bofetada, responde-lhe com duas, seja em que face fôr.» Estabelecida esta immuniidade *urbana*, o que seriam as nações. O sr. Urbano é um portento! Veja se tira privilegio de invenção.

Admira que o author do tal principio *urbano*, e por seu comico apostolo reconhecido com o dogma, não seja por elle observado, pois que se apresenta por outro lado como o defensor extrenuo dos portuguezes que estão no Brasil, onde segundo sua fecunda imaginação, e inqualificavel petulancia, *são surrados!*

Se são forasteiros, pela sua lei, deveriam soffrer calados, e beijarem o vergalho hospitaleiro. O sr. Urbano não se deve metter a escrever, porque para isto não basta a audacia: a sua doutrina não tem senso commum, e a sua logica é de regateira.

Foi talvez fundado no tal principio *urbano*, que este senhor escreveu aquella carta provocadora, que assentou em sua honra e gloria sonegal-a. Pobre Polichinello!

Uma outra amabilidade do *urbanissimo* senhor é a seguinte: A cada instante nos chama de mulatos e negros, e até de irmãos bastardos! Além d'isto, impa-se, e nos accusa do cancro da escravatura, no momento em que todo o Bra-

sil se une para derrancar do solo esta herança fatal de nossos paes, e está dando exemplos de humanidade e desinteresse, que não deu n'este ponto nação alguma!

O sr. Loureiro sabe que os escravos não foram introduzidos em Portugal pelos brasileiros, pois que n'esses tempos ainda os não havia; sabe tambem que os que foram levados da Africa para o Brasil, não foram por estrangeiros, pois que lá não negociavam, mas sim por nossos paes, que sempre gostaram de escravisar, e tanto assim que tiraram aos indios a alma, reduzindo-os a animaes, para melhor os escravisarem como os escravisaram.

A proposito d'este criminoso commercio, eu poderia agora esmagar o sr. Urbano mas não quero, por que não gosto de arranhar feridas. Pergunto-lhe sómente se todos os homens que estão sujeitos á corôa portugueza são livres?

Vamos a outro ponto, e digamos mais uma palavra ao moralista de prostibulo.

O primeiro mulato, que nasceu no Brasil, foi o filho de um senhor com uma escrava, de um portuguez com uma negra, e, seguindo a condição do ventre materno, foi vendido... Basta. Esse mulato foi seu parente, assim como o são os que lá existem, e tanto os reconhece o sr. Urbano, que os chama de IRMÃOS BASTARDOS!

Agora, se todos os brasileiros são bastardos, segue-se que o Brasil nunca teve lá um portuguez moral! É a conclusão de sua estúpida e malvada asserção, sr. Urbano. Repita ainda que somos *Cains por indole*.

Como tenha visto e ouvido mais do que o sr. Urbano, dir-lhe-hei o que sempre observei em todos os aristocratas de pelle. Todos os que fallam muito contra mulatos e negros, tem seus bisavós na costa d'Africa. Confesse que ha mulatos em Portugal, e alguns já disfarçados. O decreto de alforria de muita gente, lavrado pelo marquez de Pombal, ainda não tem duzentos annos, que é o tempo necessario á quarta geração, que é branca, quando os paes são brancos successivamente, e as mães sobem de grau.

Aqui nunca a raça hade ser toda pura, porque lá estão as ilhas de Cabo Verde, e a costa d'Africa, que sempre hão de fornecer tinta para a mescla.

Vejo que o sr. Urbano se finge, para seus fias, mais ignorante do que é; assim tenha paciencia:

Quem diz o que quer, ouve o que não quer.

Estas palavras de mulato, bode, negro, tem sido sempre a principal origem de quasi todas as desordens e vias de facto entre brasileiros e portuguezes no Brasil.

Tenho andado por toda a Europa, e nunca encontrei esta aristocracia de pelle como aqui, excepto quando a mulata tem dinheiro. Se a côr da pelle fosse um signal de superioridade, o que seria dos portuguezes ao pé dos povos do norte? Basta, que já fui longe n'esta questão ethnographica.

Como se vê, o sr. Urbano não se deve metter mais a escrever, porque se não é parvo, compromette horriavelmente a causa que defende. Se escreve por especulação ou porque lhe pagam para descompor, nada digo; porque a fome é tão poderosa que leva o homem á antropophagia.

Estou d'aqui vendo o nosso feroz Mayeux a mergulhar a cabeça na giba, como um ovo em certo pão do Algarve, e a oscillal-a de cima para baixo, promettendo vingar-se com usura por todos os modos do nosso bom humor! Respondo-lhe com os versinhos de um brasileiro:

Que estatico marres,
 Que estilico mirres,
 Que estolido morras,
 Que marres, que mirres, que morras.
 A mim que se me dá.

Ainda não conclui, temos mais coisinhas bonitas. O meu espirito gosta da variedade, e assim descança ás vezes, passando de um tom a outro.

Não sei porque, á proporção que leio e avanço no estudo do primor de atticismo e *urbanidade* do nosso Cacasseno da imprensa, sinto-me com vontade de rir e de dar uma gargalhada homérica! será porque á vista d'estas declamações desbragadas, d'estas furias de encommenda, d'este patriotismo forçado, se poderá tambem aqui applicar o

Quod abundat non nocet?

Parece-me, ao ler esta berraria toda, estar vendo um palhaço nos bicos dos pés, a soprar com toda a força n'uma hexiguinha, e depois de apertal-a, gritar como um possessor: «Vejam, senhores! vejam quanto fel está n'este odre immenso! uma só gota bastaria para azedar as ondas do nosso patrio rio, desde suas vertentes até o fundo do oceano! «Enforque-se o traidor, e...»

Deixemos o resto para amanhã.

Aqui estamos; que bella noite!

Foi bom este intervallo, porque tive a visita do meu antigo mestre. Li-lhe quanto escrevi, e fiquei satisfeito do que me disse; e accrescentou:

«A posição d'esse homem, é excellente, porque nada tem que perder; é mil vezes mais livre do que a nossa, pois que seu horisonte social não é ligado a certas considerações e respeitos, que cercam o homem que se estima e se respeita. Tenho principios severos, aos quaes obedeço desde a infancia, porque os amo; e elle, como não tem nenhuns, possui a liberdade do homem que nada respeita, e que segue o impulso horario de suas inconsequencias e versatilidade. Elle póde maltratar o nosso paiz, atirar-lhe todos os dardos da calumnia, feril-o com as armas fementidas de seu caracter desleal, satisfazer sua colera impudica, e eu devo por, dever e respeito acatar o seu paiz, que é o de meus avós e pae, para não desmentir-me do que escrevi e estampeei an-

tes de vir a Portugal. Nunca santifiquei o Brasil, *quand même* porque viajei muito, comparei bastante, e sei o que é a nossa terra, o que ella vale, e o que será em breve. Apesar de estar mais adiantada do que estão alguns pontos da Europa, cujos filhos são tão fatuos e tão ignorantes, que se julgam no melhor dos mundos, nós brasileiros levamos ao excesso o nosso descontentamento, talvez pela vivacidade da nossa imaginação, e pelas viagens continuas que fazemos. Faça o que entender, responda, diga-lhe isto mesmo, porque eu lhe não respondo; acho-o tão ordinario, tão vulgar, tão abaixo do que eu pensava, que prefiro o silencio. Ninguém pôde refutar aquelle que se refuta a si proprio. O meu amigo classificou bem aquelle libello infamatorio, quando o chamou de suicidio moral. O que me faz compaixão, e grande compaixão, é ver um pobre diabo, como este, ter a philaucia e a demencia de se persuadir que é melhor do que nós todos, e considerar-se d'uma casta superior, uma especie de brahmene, nascido não sei de que cabeça, de que deus, para querer rebaixar-nos, sendo da mesma origem, e por isso mau parente da grande familia, que está nos dois mundos. Não fallemos mais d'elle.»

Vê-se que os sentimentos são differentes, e que o respeitavel ancião tem o juizo claro, e vê tudo.

Como não tenho aquella prudencia, e nem a obrigação de não comprometter uma posição official em discussões com um homem como o sr. Urbano, vou seguindo meu caminho, e recomeço a analyse da sua diatribe.

Parece claro e concludente, que o sr. Urbano, e seus centos de amigos, não gostaram do modo porque se terminou a guerra com o Paraguay; de outra sorte não se explica a sua colera, e a ogeriza com que ficou ao general Camara. Nós é que somos Cains por indole.

Certamente, que nasceu para ir ter ás galés perpetuas, o homem que admira o despota sanhudo, o algoz incansavel, o tyranno cruel, o fratricida, o sacrilego, o debochado, o traidor, que em paz invadiu o Brasil e o roubou, sem de-

claração de guerra, e que tem a impudencia e o cynismo de o confessar! Este homem, se não é pago, se não é um vil instrumento de alguns mariolas disfarçados, é uma creatura perdida para Deus e para os homens.

É necessario, sr. Urbano Loureiro, descer ao ultimo grau da elevação moral do homem, para se sympathisar com o monstro a quem Deus disse: Basta, não matarás tua mãe!

Agora, não sei como classificar aquelles que, por odio abjecto, ou por um vil salario, não tem pejo de endeusar o crime.

Quando estive a primeira vez no Porto, ouvi fallar do Salamalek a duas pessoas; mas agora d'esta vez a mais de duzentas, e com expressões bem fortes! Um momento pensei que o tal Urbano Loureiro fosse um d'esses poucos inimigos do Brasil, que por aqui rolam, procurando justificar a ingratição pelo odio, e o odio pela calunnia, para assim mascararem as causas porque de lá saíram ou fugiram; e a final vim a saber quem era, e agora ultimamente o vi, por curiosidade.

Foi n'esses dias que se espalhou pela cidade um avulso dedicado ao RIGOLETTO PHARMACOPOLA, de que tenho um exemplar bem guardado, porque é assignado por um PORTUGUEZ! Pelo estudo que fiz d'aquelle avulso, e do que me informaram, completei o meu juizo, e hoje estou convencido de que um homem se perverte pouco a pouco, segundo a natureza de seus instinctos, porque não é possivel attingir logo a esse grau de elevada maldade sem occorrencias que motivem tal progresso.

O Rigoletto Pharmacopola pertence a certa classe de ambiciosos malogrados, que se irritam da justiça da sociedade, por não quererem reconhecer a inferioridade de seus proprios talentos, e a deslocação do seu orgulho selvagem. Vingam-se pelo ultrage; atacam todas as reputações, todas as glorias do seu paiz, todas as summidades da sociedade, e buscam no meio d'esta um apoio, ainda que ignobil, para colherem as ovações da crapula invejosa, tanta sede tem de

serem conhecidos e nomeados: Não podendo edificar, destroem, pois que é sabido, que a actividade quando não pôde subir, desce, e desce precipitadamente.

Soube então que suas esperanças de dramaturgo tinham sido coroadas com uma solemne pateada, e que os jornaes sérios lhe tinham negado suas columnas, e que seu nome era despresado de toda a gente limpa do Porto!

Dir-me-hão agora: se tu sabias d'isto tudo, porque respondes a semelhante homem?

Porque no Brasil ninguem o conhece, e porque elle pertence áquella especie, que toma a prudencia por cobardia, a sinceridade por tolice, e a dignidade por um absurdo. Respondo-lhe, porque venero a imprensa, e porque não sou dos que fingem entregar ao desprezo os ataques sem defeza, e as accusações sem replica, e as calumnias sem um desmentido. Respondo porque sou brasileiro.

Conheço a maxima do meu antigo mestre e amigo: «Pouco se pôde fazer com os homens que batem moeda com a calumnia e o escandalo, porque esses homens não tem moral.» É verdade, mas o caso aqui muda: é preciso reagir de algum modo contra os effeitos e resultados futuros, e isto para bem dos portuguezes de lá e de cá. Os peores ceigos são os que fecham os olhos.

Afirmaram-me no Porto, que o sr. Urbano, nos enlevos de seu falso patriotismo, concebera uma traça, para fazer cessar a emigração para o Brasil, e esta, segundo seus confidentes, consiste em dizer aqui todo o mal possivel contra o Brasil, até irritar os brasileiros, e leval-os ao ponto de não quererem lá portuguezes! Não ha duvida, que este plano é um plano tão moral, e tão politico e economico, que só poderia surgir de um Tiberio alcouceiro, de um magarefe politico, ou de um verdadeiro Cain!

Esta inspiração genial, tão consentanea com os principios de uma escola perversa, alheia a todos os sentimentos moraes, ha de dar bons fructos a Portugal; e é mais um dos elementos dissolventes, que minam este bello paiz. Os ho-

mens perdidos, e hydrophobos no meio de rios salutaes, são os unicos que podem ter estas idéas deshumanas.

Dizem que o sr. Urbano justifica a excellencia d'este plano com uma unica rasão, proclamando que *em Portugal tambem ha pão*. Ha, meu rico senhor, mas não chega a todos, pois que os jornaes quotidianamente estão a fallar na falta de trabalho! Se houvesse pão para todos, eu não encontraria no Minho, na terra mais bella e fecunda d'este reino, algumas cidades que são verdadeiras Mendigopolis! Braga é uma praga.

A grande quantidade de mendigos que ha em Portugal, exprime um antagonismo social, digno de reparo. Se indica que ha muita caridade de uma parte, tambem revela muita ociosidade e incuria da outra, ou peor ainda, que é a grande quantidade de maus parentes, que deixam seus maiores invalidos entregues á miseria e porquidade. A proporção relativa é que me faz dizer isto, porque tenho viajado muito.

Creio que respondi ao tal Punhado de Verdades do sr. Urbano Loureiro.

O consul geral do Brasil foi provocado, e sonogada a carta provocadora, que acompanhou mais insultos ao Brasil.

Os falsos moedeiros do Porto, não foram absolvidos pelos tribunaes de Portugal, porque foram condemnados, e o serão ainda, apesar de.....

A hospitalidade brasileira está comprovada pela emigração, principalmente pela de Portugal.

E os admiradores de Lopez são homens perdidos.

Terminarei estas palavras, repetindo o que hontem á noite ouvi ao sr. Porto-alegre, a respeito dos Salamalekes, que aviltam a imprensa portuense:

«Tenho muito honra, e até muita gloria em ter por inimigos os inimigos da minha patria.»

Lisboa 28 de julho de 1870.

Um Brasileiro